O CONCEITO DE SUMO BEM NO LIVRO VIII DE *A TRINDADE*

Roger Pereira Vivan (PIC/UEM), Paulo Ricardo Martines (Orientador). E-mail: prmatines@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Filosofia, Metafísica

Palavras-chave: Neoplatonismo; Patrística; Medieval.

RESUMO

Este trabalho apresenta o estudo e a análise do livro VIII da obra *De Trinitate* de Agostinho, com o objetivo de investigar o conceito de Sumo-Bem e sua importância na filosofia patrística de língua latina. O conceito é caro a toda a história da filosofia e encontra nas filosofias platônicas e neoplatônicas grande importância e expressividade. Traremos a contribuição de Agostinho que, além de usar elementos da filosofia neoplatônica misturando-a com as doutrinas da Sagrada Escritura, apresenta uma abordagem filosófica nova e em muitos aspectos original.

INTRODUÇÃO

O trabalho foi desenvolvido com o objetivo de pesquisar e apresentar a noção filosófica do conceito de Sumo-Bem por Agostinho de Hipona, filósofo pertencente ao período da história da filosofia que denominamos Patrística, localizado entre a antiguidade tardia (com escritos que herdam o espírito da filosofia grega de Platão sobretudo) e a escolástica, auge da dita filosofia medieval que, entre muitas outras características, se caracterizou pela retomada das obras de Aristóteles no ocidente europeu.

Agostinho, residente no coração do império romano, teve oportunidades únicas de contato, tanto com doutos cristãos que já faziam estudos acurados da Sagrada Escritura quanto com obras de filosofia neoplatônica de Plotino e Porfírio já traduzidas para o latim. Escreve BROWN:

> "Como todos os movimentos instigantes e autoconfiantes, esses platônicos cristãos tinham sua própria visão do passado, uma visão que, em retrospectiva, parece ingênua e bizarra, mas que foi capaz de descortinar horizontes intrigantes para Agostinho" (BROWN, 1967, p106)

No Tratado **A Trindade** culminam anos de estudo e meditação que lhe permitiram cumprir a tarefa de investigar explicar um dos maiores problemas filosóficos de seu tempo: como um Deus pode ser trino, sendo uno? Vale mencionar que essa obra "pertence à plena maturidade das obras de Agostinho (...). Essa formulação da relação entre Trindade criadora e dimensões do ser deriva provavelmente de porfírio."(MORESCHINI, 2009, p.469). Falar sobre a trindade divina requer também o esclarecimento da noção de verdade, seja do ponto de vista filosófico, na medida em que explicita o ser, seja também teológico, como expressão da palavra de Deus.

O nosso objetivo foi elucidar a exposição de Agostinho, demonstrar de que maneira esses conceitos são trabalhados pelo autor e explicitar as influências que guiaram sua escrita nesse capítulo.

MATERIAIS E MÉTODOS

Os materiais utilizados para a elaboração do projeto foram, como de praxe nos trabalhos filosóficos, tanto a obra *De Trinitate* de Agostinho, quanto materiais complementares destacados nas referências deste resumo. O procedimento de trabalho consistiu em levantamento bibliográfico, leitura e fichamento dos textos para análise e interpretação para, no processo final, redigir o projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando apresenta o conceito de Verdade e Sumo-Bem, Agostinho recorre à uma limitação, apontada por ele, do entendimento humano em conceber uma imagem nítida desses conceitos sempre que somos indagados sobre eles. Acontece que nós temos condições de formar uma imagem nítida de qualquer objeto que existe na dimensão material quando há uma descrição oferecida por um sujeito que nos fala desse objeto. Tal imagem criada pela imaginação pode estar de acordo ou não com a realidade, coisa que apenas a experiência pode determinar. Até que tenhamos contato com o objeto diretamente a única relação que temos com a imagem é de fé, fé de que nossa imaginação pôde formular um esboço desse objeto imaginado.

Acontece que quando nos referimos à conceitos como Bem e Verdade, não nos é dada uma imagem desses conceitos e rapidamente recorremos a exemplos de coisas que são verdadeiras e boas, mas que, segundo Agostinho não contêm, em si, o Bem e a Verdade. E tampouco em nós, que somos incapazes de formar imagem desses conceitos.

O recurso argumentativo de Agostinho é associar ao ser divino esses conceitos quando diz por exemplo:

> "O que mais e mais posso citar? Bom é isto e bom é aquilo. Prescinde disto e daquilo e contempla o próprio Bem, se podes. Então verás a Deus, que é bom, não por algum outro bem, mas o Bem de todos os bens. Em relação a todos aqueles bens de que fiz menção, ou outros que possam ser vistos ou pensados, não diríamos que um seja melhor do que outro, ao fazer um julgamento certo, a não ser que estivesse impressa em nós a noção mesma do bem, segundo a qual aprovamos alguma coisa e a preferimos a outra. Portanto, a Deus se há de amar, não como se ama a este ou aquele bem, mas como se ama o próprio Bem. É esse o bem da alma que se há de procurar. Não aquele que sobrevoa na mente, mas ao que se adere pelo amor. Ora, qual será esse bem, senão Deus? Não é a alma que é boa, o anjo que é bom, ou o céu que é bom. Somente o Bem é bom. (AGOSTINHO, 1997, VIII,3,4, p.265)

Nesse sentido, como não temos de modo inato esses conceitos, embora saibamos identificar sua presença ou ausência nas coisas, o autor declara que é através da prática desse conceito, da bondade, que ele se revelará ao sujeito num exercício constante de ser, ele mesmo, bom. Desse modo passará a amar não apenas as coisas boas, mas o próprio bem que é Deus.

CONCLUSÕES

Embora haja elementos claramente advindos da filosofia neoplatônica (a exemplo desses conceitos que não estão no próprio sujeito, mas são verdades mais elevadas e separadas da materialidade) além de elementos doutrinários da Sagrada

Escritura, Agostinho apresenta uma argumentação que não é somente uma mistura aleatória dessas posturas de pensamento, mas uma rica contribuição que une metafísica e prática moral para se chegar ao conhecimento de coisas que a mente humana certamente não alcança de modo fácil. Tais são os elementos de originalidade que Agostinho inaugura nesse rico e piedoso tratado.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A Trindade**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção Patrística; vol. 7)

BROWN, Peter. **Santo Agostinho: Uma biografia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2025.

MORESCHINI, Claudio. **História da filosofia patrística**. Tradução de Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2009. 784 p.